

FERNANDO PESSOA: LUGARES

JONAS DE ARAÚJO ROMUALDO
(UNICAMP)

Quando se fala de heterogeneidade no discurso (poético ou não) de Fernando Pessoa pode-se correr o risco de ser excessivamente redundante em relação a um autor que, ele próprio, encena a diversidade no discurso, criando, para isso, os famosos heterônimos.

Falaremos, sim, da heterogeneidade no discurso de Fernando Pessoa. Não falaremos de heterônimos, mas de uma voz emitida pelo chamado senso-comum que está presente muitas vezes em qualquer discurso escrito ou oral, literário ou não, e é óbvio, nos poemas de Fernando Pessoa.

O senso-comum, esta noção perigosamente vaga, fornece opiniões, valores, saberes de diversos tipos e idade a um conjunto de sujeitos de uma dada comunidade. Determinados raciocínios se apóiam justamente no senso comum que fornece uma opinião e seu contrário, um modelo de argumentação e seu contrário. A possibilidade de se sustentar uma afirmação e seu contrário, apoiando no senso comum, dá indício de seu modo de funcionamento que acolhe a contradição. É por demais sabido, por exemplo, que há provérbios que sustentam uma posição da mesma forma que há os que sustentam uma opinião contrária na mesma esfera. Sabe-se que os provérbios pertencem ao chamado senso-comum. A propósito, o que pertence ou não ao senso-comum? Como é que um saber que era associado a um indivíduo passa a ser senso-comum? (por exemplo, muitas das noções da psicanálise fazem parte hoje do patrimônio do senso-comum de algumas comunidades). A que época remonta as idéias do que é tido por senso comum?

Essas questões e outras, como o que é senso comum, estão conscientemente ajustadas aqui. Não queremos discutir uma noção tão complexa, mas útil ainda. No entanto, vamos restringir a forma como lugar-comum aparecerá neste trabalho. A nossa proposta é trabalhar com a noção de lugar-comum da retórica, noção que

aprisiona o senso-comum e torna viável o trabalho com a noção de senso-comum. Desta forma, é possível fazer aparecer alguns aspectos do senso-comum mais sensíveis.

A noção de lugar-comum ela é também complexa. Utilizada desde os antigos, ela vem passando por acepções diversas, em diferentes épocas e lugares. Aristóteles caracteriza-os como “lugares onde devemos necessariamente ir buscar as premissas” (Aristóteles, 1998:58). Ao longo do texto pode-se depreender os lugares do possível, impossível, o lugar do existente, inexistente e o lugar do mais e do menos de Aristóteles. No capítulo 23 da mesma obra são listados 28 lugares-comuns. Em *Literatura Européia e Idade Média Latina*, Curtius trabalha topos ou lugares-comuns como um conjunto de temas obrigatórios esperados no texto. Exemplo, a tópica da modéstia, o tema do menino-ancião (criança com características de um velho).

A nova retórica de Ch. Perelman repensa o lugar-comum: o lugar-comum aparece como uma espécie de premissa geralmente implícita, capaz de fundamentar valores ou produzir hierarquias (a honestidade sobre a coragem). Os lugares estudados por Ch. Perelman são o da quantidade, qualidade, essência, ordem, pessoa, existente.

Nesta breve apresentação dos lugares em contextos diversos, saltam aos olhos a diferença de perspectiva em que eles aparecem, seja em Aristóteles (1998), Curtius (1996) ou Perelman (1996).

Não é possível juntar estas perspectivas, de modo que se obtenha uma unidade. É verdade que cada uma dessas perspectivas contempla um certo aspecto do senso-comum. A saída, no momento, é hierarquizá-las. Vou privilegiar então a perspectiva de Perelman. No entanto, se for o caso, utilizarei as idéias que forem pertinentes dos outros autores, tendo, porém, o cuidado de não misturar as propostas dos autores em questão. O que me interessa é que lugar-comum traz implícita a idéia de repetição, e este traço está presente na concepção de Aristóteles, Curtius e Perelman.

Nos três, a repetição (lugar-comum) é uma técnica criativa. Ela ajuda a produção de textos novos, dentro de um contexto.

Antes de começarmos a ver os poemas de Fernando Pessoa, vale a pena lembrar que a Retórica pode ser utilizada para a leitura de textos muito diferentes, tais como textos literários e não literários. Vale a pena lembrar, também, que a noção de lugar-comum é uma noção que tem um rendimento muito grande na análise de textos os mais diversos. Por isso mesmo é que esta noção está sendo reaproveitada por lingüistas. Por exemplo, Ducrot trabalha em alguns artigos recentes com a noção de Topos. Redefinida a noção de Topos, Ducrot tem inspirado bastante pesquisa.

Passemos agora a falar no que nos interessa mais imediatamente: lugar-comum em Pessoa. Em *Mensagem* (Pessoa 1995:72), aparece um lugar-comum muito utilizado pela cultura ocidental, o topos da altura, que associa altura com morte. O poema Ulysses traz o topos da altura vazado, no final do poema, da seguinte forma:

Assim a lenda se escorre
Ao entrar na realidade
E a fecundal-a decorre
Embaixo, a vida, metade
De nada morre

Na verdade, é a ordenação do espaço em **solo** (“em baixo”), subsolo (sob o solo), supersolo (alto) que também está presente no seguinte fragmento: “o mesmo sol que abre os céus/É um mytho brilhante e mudo/O corpo morto de Deus/Vivo e Desnudo”.

À parte os jogos de antíteses que associam vida e morte no poema, a utilização da altura termina por valorizar a morte. Aliás, a associação morte-altura é banal na nossa cultura. Sem dúvida, é possível encontrar em Pessoa, com mais visibilidade, a associação morte-altura. Veja, por exemplo, esse trecho do poema “Quando ela passa, de *Cancioneiro* (Pessoa 1995:103):

Lançou-me a mágoa seu véu
Menos um ser neste mundo
E mais um anjo no céu.

Essa relação morte e altura pode, em termos de Perelman, ser traduzida pelo lugar da ordem. Para Perelman, “os lugares da ordem afirmam a superioridade do anterior sobre o posterior, ora da causa, ora dos princípios, ora do fim ou do objetivo” (Perelman e Olbrechts-Tyteca 1996:105). E, adiante:

“Quando o lugar da ordem é correlacionado com o da quantidade, o anterior é considerado mais duradouro, mais estável, mais geral; se forem correlacionados com os lugares da qualidade, o princípio será considerado com uma realidade superior, modelo, determinante das possibilidades extremas de um desenvolvimento.” (106)

No topos da altura, como dissemos, o que está ordenado é o espaço. O que está no alto recebe uma valoração maior daquilo que está embaixo.

A organização do espaço, investida de valores, é conhecida por outras culturas. Levi-Strauss, por exemplo, estuda o modo como os hidatsa organizam

simbolicamente o espaço para compreender os rituais envolvidos na caça às águias. Diz ele:

“se este começo de interpretação é exato, segue-se que a importância ritual da caça às águias, entre os hidatsa, prende-se ao menos em parte, ao emprego de covas, isto é, à adoção pelo caçador, de uma posição estranhamente baixa (no sentido próprio e, como acabamos de ver, também figuradamente) para capturar uma caça cuja posição é a mais alta, objetivamente falando (a águia voa alto) e, também, sob o ponto de vista mítico (em que a águia é posta no topo da hierarquia das aves).” (Levi-Strauss 1962:72-73).

O lugar da ordem, dentro do universo poético de Pessoa, é muitas vezes utilizado para desvalorizar o futuro, como nesse passo, em que se valoriza o anterior em relação ao posterior (Pessoa 1995:139):

Nasce um Deus. Outros morrem. A verdade
Nem veio nem se foi: o Erro mudou.
Temos agora uma outra Eternidade,
E era sempre melhor o que passou.

Curioso é que pela coordenação de orações com tempos verbais diferentes (“temos” e “era”) instala-se a oposição entre uma constatação “Temos agora uma outra Eternidade” e um comentário que não é necessariamente o do poeta “E era sempre melhor o que passou”. A opinião comum fundada sobre a ordem (passado melhor que presente) aparece assim distanciada do autor, embora destacada enfaticamente no poema.

O motivo das rosas está muitas vezes associado ao **carpe-diem**, o conselho de se aproveitar os prazeres do momento que é breve, desvalorizando assim a duração, o que dura, se possível, uma eternidade. Esse lugar muito comum na literatura do ocidente é aproveitado, usando-se a economia de expressão ao máximo por Pessoa. Através de indícios é tecida a oposição brevidade x duração, remetendo ao carpe-diem. Isso se consegue através da utilização de um léxico altamente marcado que, estando presente num mesmo discurso, traz para o presente do poema de Fernando Pessoa uma longa tradição de poemas em que se utiliza o conhecido carpe-diem. Este poema, por exemplo, diz (Pessoa 1995: 255).

*Coroai-me de rosas
Coroai-me em verdade
De rosas -
Rosas que se apagam
Em frente a apagar-se
Tão cedo!*

*Coroai-me de rosas
E de folhas breves
E basta*

Na verdade, rigorosamente sugere o carpe-diem sem, em termos de discurso, realizá-lo. O discurso é interrompido com “E basta”. O carpe-diem aparece mais como um comentário, através de palavras e expressões que tornam presente o carpe-diem: “rosas”, “Rosas que se apagam”, “Tão cedo” e “folhas breves”. Chamo a atenção de palavras como “breves”, que adjetivam folhas. Aqui, então, o carpe-diem é frustrado. No poema seguinte o carpe-diem toma no corpo do discurso outra direção. É dito:

*Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas
(Enlacemos as mãos)*

Em breve, uma expectativa de valorização do prazer carnal é imediatamente frustrada. É dito:

*Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio
mais vale saber passar silenciosamente
E sem desassossegos grandes*

Assim, o poema não é um convite ao prazer, tal como poderíamos esperar pelo seu início. Ao contrário, há, sim, um convite à Lídia, mas um convite à contemplação, não à ação (Pessoa 1995:256):

*Amemo-nos tranqüilamente, pensando que podíamos
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias
Mas que mais vale a pena estarmos sentados ao pé um do outro
Ouvindo correr o rio e vendo-o*

O carpe-diem pode ser facilmente assimilado ao lugar-comum da qualidade. Tal como está em Perelman-Olbrechts-Tyteca: “Os lugares da qualidade, os menos apreensíveis, aparecem na argumentação quando se contesta a virtude do número” (10). O lugar da quantidade já tinha sido definido “como o que afirma que afirma que uma coisa é melhor que outra por razões quantitativas” (97). É notável que a definição dos lugares-comuns, remetendo um a outros, reforce a idéia de que um lugar-comum dá expressão a uma voz que supõe a existência de outras vozes. A

relação quantidade x qualidade é polêmica e, por isto, é comum apresentá-la conjuntamente como o faz Aristóteles numa outra perspectiva:

“o que é raro é também maior do que o abundante. Como o ouro em relação ao ferro, embora seja menos útil; pois a sua posse constitui um maior bem, por ser de mais difícil aquisição. Mas de um outro modo, o abundante é preferível ao raro, porque a sua utilização é maior, pois “muitas vezes” excede “poucas”; donde se diz, **o melhor é a água.**” (Aristóteles 1998:69-70).

Justamente por causa da relação do lugar-comum presente num discurso com outros discursos, aliás, com outros lugares-comuns (é, em verdade, mas nem sempre é assim) é defensável facilmente que há uma guerra de discursos na afirmação sem nenhuma preparação de que “O poeta é um fingidor” (Pessoa 1995:164-5):

*O poeta é um fingidor
Finge tão completamente
Que chegar a fingir que é dor
A dor que deveras sente.*

*E os que lêem o que escreve,
Na dor lida sentem bem
Não as duas que ele teve
Mas só a que eles não têm*

*E assim nas calhas da roda
Gira, a entreter a razão
Esse comboio de cordas
Que se chama coração*

O lugar-comum utilizado é o lugar da essência. O lugar da essência em Perelman (1996) não tem nada a ver com

“a atitude metafísica que afirmaria a superioridade da essência sobre cada uma de suas encarnações e que é fundamentada num lugar da ordem -, mas o fato de conceber um valor superior aos indivíduos enquanto representantes bem caracterizados dessa essência.” (110).

O lugar da essência “O poeta é um fingidor” na verdade está em relação polêmica com “o poeta sente”, em que é utilizado o lugar da essência também.

O enunciado “o poeta sente” ou “o poeta é aquele que sente” é uma das opiniões mais popularizadas sobre a relação poeta-poesia. A afirmação “o poeta é um fingidor” rompe com o senso-comum, para depois recuperá-lo, de um outro modo. Na verdade, o que faz Fernando Pessoa é apresentar o que ele defende como a

“essência” do poeta, através de uma definição de um argumento quase lógico. Perelman (1996) afirma que “o caráter argumentativo das definições se apresenta sempre sob dois aspectos intimamente ligados, mas que, não obstante, é preciso distinguir, porque concernem a duas fases do raciocínio: “as definições podem ser justificadas, valorizadas, com a ajuda de argumentos; elas próprias são argumentos”. (241).

Pessoa, efetivamente, a partir da afirmação sobre o poeta, argumenta: “Finge tão completamente/Que chega a fingir que é dor/A dor que deveras sente”. Assim, recupera em outro nível a afirmação do senso comum. É dito: “...Que chega a fingir que é dor/A dor que deveras sente”. Estão estabelecidas duas ordens no trabalho poético: aquilo que o poeta sente e aquilo que passa a existir através do fingimento, que é um equivalente objetivo da verossimilhança dos recursos através dos quais se faz com que o real apareça. Existe, então, o que apareceu ao nível de expressão. É certo que, sem a expressão eficaz, o real (“a dor”, no caso) não tem existência. Os temas real x expressão, verdade, verossimilhança, são representados a partir da provocação primeira que nos diz que “o poeta é um fingidor”.

Finalmente, tomemos o lugar da quantidade, a duração, para terminarmos este breve inventário a respeito do senso-comum, lugar-comum, heterogeneidade discursiva em Fernando Pessoa. O poema que vamos comentar é “D. Sebastião, Rei de Portugal” (Pessoa 1995:75-76):

*Louco, sim, louco porque quiz grandeza
Qual a sorte a não dá
Não coube em mim minha certeza;
Porisso onde o areal está
Ficou meu ser que não houve, não o que há
Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia
Cadáver addiado que procria?*

Aqui há a exploração da contradição entre desejo e real. O real aparece na constatação de que a vida é breve. O desejo, na aspiração do poeta à eternidade: “Por isso onde o areal está/ficou meu ser que não houve/não o que há”. Mas, como pode o poeta eternizar-se, senão através de seu discurso? Favorecendo a interpretação de que a loucura é um equivalente objetivo de delírio poético neste poema, a loucura, então, se opõe à brevidade da vida humana, pela valorização que confere à duração, à permanência do poema, lugar da eternidade que aspira o

poeta: “Sem a loucura que é o homem/Mais que besta sadia/Cadáver addiado que procria?”.

A maioria dos poemas que escolhemos faz circular temas como brevidade em oposição à duração, temas associados à vida, temas associados à morte, temas que põem em pauta o poema, o poeta. Em geral se valoriza muito na exploração desses temas um Fernando Pessoa que se vale de vários códigos que incorporam idéias filosóficas, poética antiga e mesmo códigos de poetas de seu tempo, entre outros.

Tão rica quanto é a utilização de códigos mais variados, é bom insistir nisso, é a utilização das chamadas idéias comuns. A utilização de ironia, a criação de formas de muito impacto, a criação de expectativas que não se cumprem, etc., muitas vezes estão associadas ao manejo daquilo que pertence ao senso-comum, que se constitui numa fonte inesgotável da criatividade, ao contrário do que muitos pensam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. (1998). *Retórica*. Imprensa Nacional – Casa da Moeda, Lisboa.
- CURTIUS, E. R. (1996). *Literatura Européia e Idade Média Latina*. Hucitec – Edusp, São Paulo.
- DUCROT, O. “Argumentação” e “Topoi argumentativos” in Guimarães, E. (1989) *História e sentido na linguagem*. Pontes, São Paulo, pp. 13-38.
- PERELMAN, CH. & OLBRECHTS-TYTECA (1996). *Tratado de Argumentação. A nova Retórica*. Martins Fontes, São Paulo.
- PESSOA, F. (1995). *Obra Poética*. Nova Aguilar, Rio de Janeiro.
- REBOUL, O. (1998). *Introdução à Retórica*. Martins Fontes, São Paulo.